



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

EDITORIAL

Um lugar seguro

A pandemia que nos atingiu e com a qual estamos a aprender a conviver, veio condicionar radicalmente os nossos comportamentos e alterar profundamente as nossas vidas. Depois da surpresa inicial, vamos agora tomando consciência da necessidade de nos adaptarmos a esta nova realidade, com os muitos limites que nos impõe.

Pe. Carlos Cabecinhas

Também ao nível da vivência da fé, depois de um doloroso período em que não foram possíveis as celebrações comunitárias, temos vindo a retomar o nosso ritmo celebrativo, porque a reunião em assembleia para a celebração da fé é constitutiva da experiência cristã. No Santuário de Fátima, experimentámos a presença diminuta de peregrinos durante meses e vamos assistindo, agora, ao progressivo regresso dos peregrinos. Sem peregrinos, o Santuário perde razão de ser, uma vez que existe para os acolher, para lhes proporcionar uma forte experiência de fé e para lhes anunciar o Evangelho, através da mensagem de Fátima. Por isso, convidamos a vir ao Santuário de Fátima.

Convidamos a vir ao Santuário para rezar e participar nas celebrações. Fátima é lugar de oração e de forte experiência de fé; é lugar de celebração comunitária e de intenso sentido de Igreja; é lugar de Adoração e de celebração da Reconciliação. Para que todos se sintam seguros, optámos pelos espaços celebrativos amplos, como a Capelinha, o vasto Recinto de Oração ou a Basílica da Santíssima Trindade. Ainda assim, será necessário respeitar procedimentos e observar o recomendável distanciamento físico, bem como o uso da máscara.

Convidamos os peregrinos a visitarem a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima para rezarem junto dos túmulos dos Santos Francisco e Jacinta e da Serva de Deus Lúcia de Jesus.

Embora com atividades reduzidas, a escola do Santuário continua a propor atividades formativas e de aprofundamento espiritual.

Neste ano em que celebramos o centenário da imagem de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições, preparámos tudo para acolher com segurança os peregrinos que quiserem visitar a exposição temporária “Vestida de Branco”, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade.

Convidamos igualmente os peregrinos a visitarem a Casa dos Pastorinhos, na aldeia de Aljustrel, para conhecerem melhor os videntes de Fátima, as suas vidas e a sua realidade familiar. A experiência da Via-Sacra no chamado “Caminho dos Pastorinhos”, que termina no Calvário Húngaro e na capela de Santo Estevão, é outra das fortes experiências espirituais que os peregrinos podem fazer. E nesse percurso, o peregrino tem ainda a possibilidade de rezar no lugar da aparição de agosto e das aparições do Anjo.

Fátima é um lugar seguro. Ao entrarmos no Santuário, experimentando o seu silêncio, percebemos que há um espaço que a todos acolhe. Debaixo do manto materno da Senhora do Rosário há lugar para enxugar as lágrimas; agradecer as alegrias e os dons; rezar por nós e pela Humanidade inteira, percorrendo um espaço com história, construído pelas histórias de cada um dos peregrinos.

Como Francisco e Jacinta cumparamos também nós esse pedido vindo do Céu para aqui regressarmos sempre que pudermos. Peregrinemos a Fátima ao encontro do coração da Mãe!



O Céu nunca desiste

Apesar das dificuldades do tempo presente, a peregrinação de agosto manterá o calor da diáspora, com a presença de grupos estrangeiros.

Carmo Rodeia

A Peregrinação Internacional Aniversária de agosto, que integra a Peregrinação Nacional do Migrante e Refugiado, arranca esta quarta-feira, dia 12, na Cova da Iria. A presidir ao evento estará o bispo de Santarém, D. José Traquina, que é também o Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e da Mobilidade Humana. Esta peregrinação assinala a quarta aparição de Nossa Senhora, a única que teve lugar noutra data, a 19 de agosto e noutra lugar. A Virgem apareceu nos Valinhos, a três quilómetros da Cova da Iria, a perto da casa de Lúcia.

Ao contrário do sucedeu anteriormente, as crianças não puderam deslocar-se à Cova da Iria no dia 13 já que, contra a vontade delas e da família, e à de Nossa Senhora até (que lhes tinha pedido para estarem na Cova da Iria no dia 13), o Administrador de Ourém as levava para sua casa, ali as mantendo do dia 13 ao dia 15, para evitar a sua presença no lugar das Aparições. Durante esses dias, insistiu num interrogatório sobre o teor do segredo que os Pastorinhos haviam recebido.

A Jacinta, a mais pequena dos três, chorava com saudades da mãe e da família em geral, o Francisco rezava para que ela fosse forte e a Lúcia olhava para os dois, com a responsabilidade de ser mais velha, com a angústia maior que era a de se Nossa Senhora não lhes aparecia mais! Regressados a casa, Francis-

co e Lúcia, acompanhados de João, irmão do Francisco e da Jacinta, foram apascentar o rebanho no dia 19. Sentindo uma envolvência sobrenatural e suspeitando que Nossa Senhora estaria para aparecer, os dois videntes pediram a João que fosse chamar Jacinta, para que ela pudesse também estar presente. Uma vez chegada Jacinta, viram de novo Nossa Senhora, que lhes apareceu sobre uma carrasqueira, árvore entretanto desaparecida (tal como a azinheira da Cova da Iria), levada aos poucos pelos fiéis.

O local da Aparição, na qual pela primeira vez a Senhora alude à construção de uma capela na Cova da Iria, está assinalado por um monumento, oferta dos católicos húngaros, inaugurado em 12 de agosto de 1956. É constituído por um nicho, da autoria do arquiteto António Lino, no interior do qual se encontra uma imagem de Nossa Senhora, obra da escultora Maria Amélia Carvalheira da Silva. Habitualmente, o Santuário de Fátima promove sempre uma Vigília de Oração a este lugar, na noite do dia 19, que conta com a participação muito expressiva de peregrinos, sobretudo de grupos estrangeiros. Este ano, por razões de segurança e atendendo à configuração do espaço que impede o distanciamento social no Caminho dos Pastorinhos, o Santuário cancelou a Vigília mantendo, contudo, o Terço e a Procissão das Velas, na Capelinha

das Aparições e no Recinto de Oração, respetivamente, nessa noite.

Esta Peregrinação é marcada sempre pelo calor da diáspora, mas este ano, em virtude da pandemia, a mobilidade das pessoas está mais comprometida. Ainda assim, é de assinalar que pela primeira vez este ano, o Santuário regista a inscrição de cerca de uma dezena de grupos estrangeiros que já participarão nestas celebrações internacionais.

Gesto característico no ofertório da Eucaristia desta peregrinação, e que se manterá, é a oferta de trigo pelos peregrinos. Realiza-se pela 80.ª vez e a sua história remonta a agosto de 1940, quando um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica, de 17 paróquias da diocese de Leiria, ofereceu 30 alqueires de trigo, destinados ao fabrico de hóstias para consumo no Santuário. Desde aquele ano, os peregrinos, já não só de Leiria mas de todo o país e do estrangeiro, têm vindo a dar continuidade, ano após ano, a esta oferta.

Nesta peregrinação faz-se também memória do Muro de Berlim, cuja construção foi iniciada de 12 para 13 de agosto de 1961. Do betão que dividiu a cidade de Berlim em duas, durante 28 anos, há um pedaço em Fátima. Durante a Procissão das Velas, no dia 13, haverá uma paragem e oração junto ao monumento que incorpora uma parte daquela barreira e que foi oferecida por um português residente na Alemanha.

Pandemia puxa por novas dinâmicas

Medidas de segurança motivaram novas formas de serviço e voluntariado na Cova da Iria envolvendo escuteiros, servitas e jovens de vários movimentos marianos.

Carmo Rodeia e Cátia Filipe

Na sua missão, o Santuário de Fátima conta anualmente com cerca de 350 voluntários, nas mais variadas tarefas, que vão desde o acolhimento aos peregrinos nos vários espaços, passando pelo apoio à liturgia, nas informações, na comunicação, nos arranjos dos espaços celebrativos, até a todos os voluntários que integram movimentos, associações e serviços que, autonomamente, prestam um contributo essencial no quotidiano da Instituição.

Com o início do desconfinamento, houve a necessidade de criar valências de voluntariado que respondessem à exigência de implementação das medidas de segurança estipuladas pela Dire-

ção Geral de Saúde, o que obrigou a novas presenças na Cova da Iria. É o caso dos escuteiros, que já participavam habitualmente como acolhedores no Recinto e no Centro de Imprensa a cada dias 12 e 13 dos meses de verão, que agora passaram a ser acolhedores de fim de semana, entre junho e agosto.

Ser Acolhedor no Santuário de Fátima “é viver a génese do escutismo no que diz respeito ao serviço ao próximo e, nesse sentido, aprofundar a relação com o próximo e com Deus”, escreveu o padre Luís Marinho, Assistente Nacional do Corpo Nacional de Escutas (CNE), na Revista Flor de Liz.

O Acolhedor, como peregrino

que também é, predispõe-se “a ajudar o seu semelhante para que a sua experiência de fé seja vivida na plenitude, encaminhando-o, ajudando-o e aconselhando-o, especialmente nestes tempos que vivemos, em que os cuidados têm de ser redobrados”, afirma ainda o responsável, destacando que num tempo “tão inquietante” como o atual contexto de pandemia, este serviço ainda alimenta e acentua mais a ligação entre o Santuário e o CNE.

Os escuteiros, tal como os acolhedores em geral, orientam os peregrinos nas entradas e saídas dos diferentes espaços e aconselham medidas de higiene ou o uso de máscara.

“Esta situação implicou a definição de circuitos de entrada e de saída dos espaços fechados, higienização das mãos, uso obrigatório de máscaras de proteção e manutenção do distanciamento social, o que tem como consequência uma nova dinâmica na relação do Santuário com os peregrinos, tendo sido necessário

reforçar o acolhimento em todos os espaços, trabalho que tem vindo a ser assegurado por colaboradores internos e por voluntários” esclarece Cláudia Camelo ao jornal Voz da Fátima. A responsável pela Comissão para o Voluntariado do Santuário, que tem estado na linha da frente na coordenação deste trabalho, lembra que o Santuário dispõe de acolhedores nas entradas da Basílica da Santíssima Trindade e da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima durante os 7 dias da semana e em todo o período de funcionamento das m e s -

mas: “A sua ação passa por controlar e orientar o movimento de entrada e saída de peregrinos, assegurando que são cumpridos os circuitos definidos, de que todos higienizam as mãos antes de entrarem nos espaços, que cumprem o distanciamento social e usam, corretamente, a máscara de proteção”, esclarece ainda.

Tem sido necessário, por outro lado, um reforço no número de voluntários que fazem acolhimento no Recinto de Oração, sobretudo, nos momentos celebrativos, como é o caso da Missa das 11h00 ao sábado e ao domingo. Este reforço tem, também, o objetivo de garantir que as regras de segurança sejam todas cumpridas.

Também a Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima se reinventou no voluntariado que faz no Santuário, estendendo a sua ação para lá do Posto de Socorros e do apoio aos retiros de doentes. A curto prazo integrarão esta equipa de acolhimento alguns seminaristas assim como a Juventude Mariana Vicentina e a Fraternidade de Nuno Álvares.

O reforço destas equipas de acolhimento veio trazer, semanalmente, ao Santuário, cerca de 20 novos voluntários de diversas zonas do país e que prestam o seu serviço, sobretudo, ao fim de semana.



350

voluntários que colaboram nos diversos serviços do Santuário

20

novos voluntários que passaram a colaborar desde o início da pandemia

187

estudantes do ensino superior foram voluntários na Cova da Iria por um dia, no passado mês de março

do Santuário com os peregrinos

Jovens todo-o-terreno na ajuda aos peregrinos

Desde há dois anos que a Comissão para o Voluntariado do Santuário de Fátima tem dinamizado diversas iniciativas para a captação de jovens. Desenvolveram-se algumas ações pontuais destinadas aos alunos do ensino secundário e do ensino superior e nelas participaram cerca de 350 jovens em 2019 e início de 2020.

Desde há dois anos que a Comissão para o Voluntariado do Santuário de Fátima tem dinamizado diversas iniciativas para a captação de jovens. Desenvolveram-se algumas ações pontuais destinadas aos alunos do ensino secundário e do ensino superior e nelas participaram cerca de 350 jovens em 2019 e início de 2020.

Recorde-se que, no passado mês de março, 187 estudantes do ensino superior concretizaram a sua experiência de voluntariado em atividades como: a orientação da visita aos túmulos dos Pastorinhos; a reposição de velas no self-service do tocheiro; a

limpeza de viaturas e espaços; a distribuição de desdobráveis; o ensacamento de talheres para refeições; a preparação de pacotes utilitários para os peregrinos e ofertas para missões; a apanha de lenha miúda para compostagem e a atualização de moradas para expedição postal das publicações do Santuário.

Em dezembro de 2019, o Santuário de Fátima assinalou o Dia Internacional do Voluntariado com a limpeza dos parques de acolhimento aos peregrinos. Esta ação de voluntariado jovem aconteceu no âmbito de uma parceria com o Colégio de S. Miguel, de Fátima, e na qual participaram cerca

de 40 alunos, dos 11.º e 12.º anos.

Já em maio de 2019, aconteceram várias ações de voluntariado jovem que visaram melhorar as condições de acolhimento na Peregrinação Internacional de maio. A primeira dessas iniciativas foi a pintura das camas do Acolhimento de S. Bento Labre, em Fátima. A segunda tarefa consistiu na preparação dos kits de roupa de cama e banho que foram disponibilizados aos peregrinos. Na noite da vigília da Peregrinação Internacional de maio, um outro grupo de alunos esteve a ajudar na oferta do chá/café e das bolar

chas, que foram distribuídos aos peregrinos durante a madrugada. Após a peregrinação um grupo de 35 alunos, juntamente com funcionários do Serviço de Espaços Verdes e Limpeza de Exteriores do Santuário de Fátima, andou por alguns dos parques de acolhimento a peregrinos a recolher o lixo.

A continuidade deste trabalho foi suspensa pelas circunstâncias atuais mas será retomada tão brevemente quanto possível, garante a responsável pela Comissão para o Voluntariado do Santuário de Fátima, Cláudia Camelo.

A Comissão para o Voluntariado

do Santuário de Fátima considera que o balanço destas atividades “é francamente positivo”, uma vez que este projeto resultou sobretudo “por sensibilizar os jovens para a importância de dar um bocadinho de tempo aos outros, mesmo que esses outros sejam anónimos, neste caso os peregrinos de Fátima que merecem ser bem acolhidos”.

Anualmente os voluntários são convidados a fazerem, pela primeira vez, ou a renovarem o Compromisso de Voluntário, no Santuário, uma celebração que acontece no início de cada ano pastoral.



A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

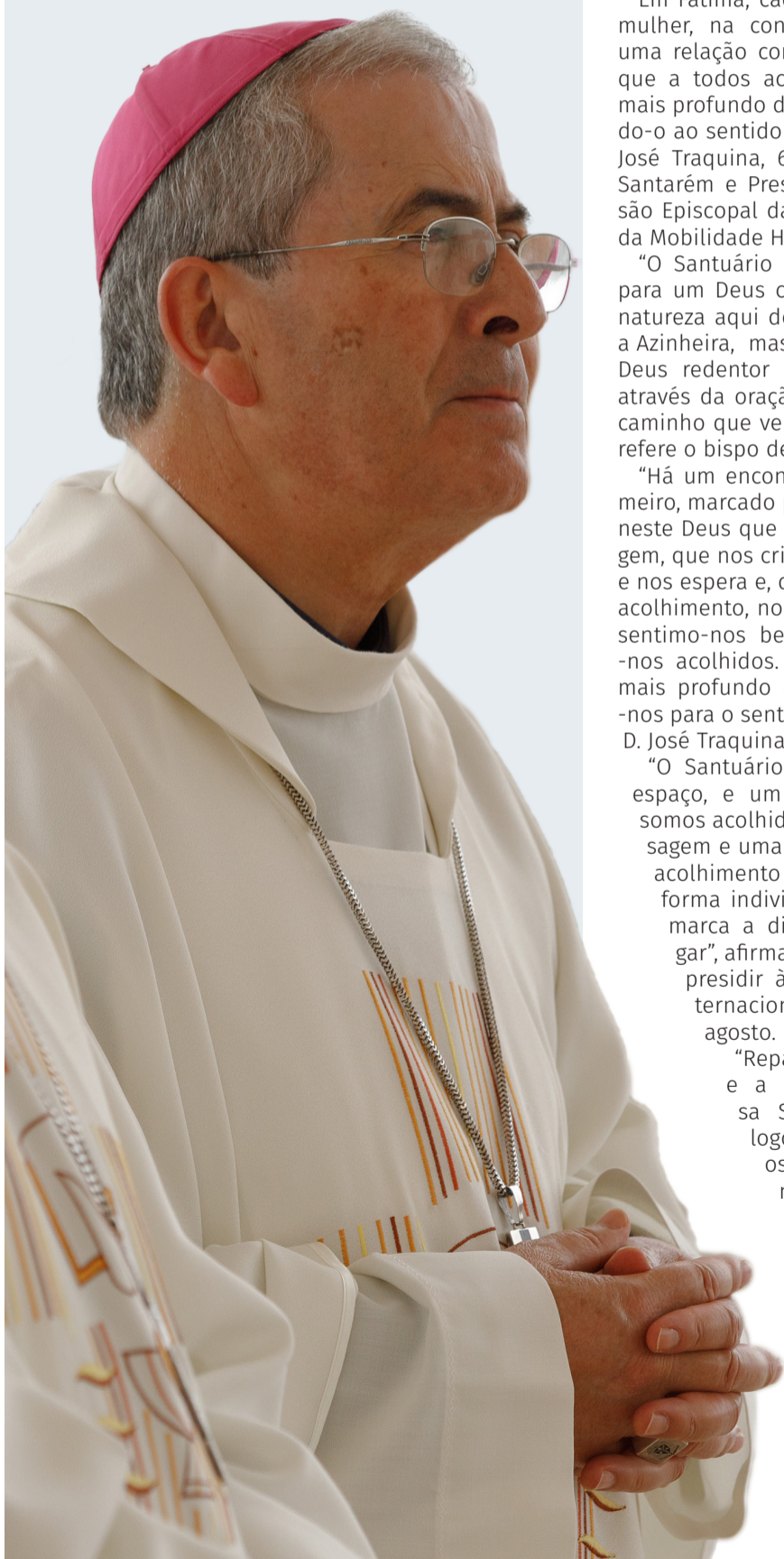
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

D. José Traquina

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“A pandemia é uma oportunidade para a nossa conversão. Temos de nos colocar ao lado da situação, não termos medo de sermos próximos em situações que precisam de nós e da nossa ação”.



“O Santuário é o lugar da intimidade de cada um com o transcendente e, a partir daqui, de cada um com a Humanidade”

O bispo de Santarém é o presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e da Mobilidade Humana. Em entrevista à rubrica #fatimanoseculoXXI, que pode ser ouvida em formato podcast em www.fatima.pt/podcast, no Itunes ou no Spotify, o prelado sublinha a dupla condição deste lugar: um apelo à nova criação, a partir da confiança e da abertura do coração a Deus. “Isto é o sentido da vida”.

Carmo Rodeia

Em Fátima, cada homem e cada mulher, na confidencialidade de uma relação com Nossa Senhora, que a todos acolhe, encontra “o mais profundo de si mesmo levando-o ao sentido da vida” afirma D. José Traquina, 66 anos, bispo de Santarém e Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e da Mobilidade Humana.

“O Santuário de Fátima aponta para um Deus criador a partir da natureza aqui desenvolvida, como a Azinheira, mas também para um Deus redentor que nos convida, através da oração, a fazermos um caminho que vença a indiferença”, refere o bispo de Santarém.

“Há um encontro profundo: primeiro, marcado por uma confiança neste Deus que está na nossa origem, que nos cria, nos acompanha e nos espera e, que através do seu acolhimento, nos redime. Por isso, sentimo-nos bem aqui, sentimo-nos acolhidos. Isso toca-nos no mais profundo de nós e remete-nos para o sentido da vida” refere D. José Traquina.

“O Santuário de Fátima é um espaço, e um templo, em que somos acolhidos com uma mensagem e uma história, mas este acolhimento é feito sempre de forma individual e é isso que marca a diferença deste lugar”, afirma o prelado que vai presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto.

“Repare, nós chegamos e a imagem de Nossa Senhora interpela logo, como interpelou os Pastorinhos; e neste sentido, recuperamos logo a nossa História. Nossa Senhora trata-nos a todos como filhos preservando a nossa confidencialidade. As pessoas p o d e m p e n s a r

o que quiserem mas, quem aqui chega tem um segredo que confia a Nossa Senhora, à Senhora do Rosário”.

“Em Fátima, já não acreditamos apenas porque outros acreditaram, e nós vamos atrás, mas por nós, isto é, já não é porque os Pastorinhos acreditaram que nós acreditamos, é porque a relação que estabelecemos à chegada é uma relação que deriva de um encontro com Nossa Senhora e com Deus, que Ela nos revela”.

“Não pode haver maior simplicidade do que esta: o Santuário é o lugar da intimidade de cada um com o transcendente e, a partir daqui, de cada um com a Humanidade”, realça ainda.

Por isso, adianta, a responsabilidade do Santuário é “enorme”, desde o cuidado com o “arranjo dos espaços”, às “celebrações”, tudo “tem de estar centrado na preocupação pelos peregrinos, pelo seu acolhimento”.

“Quando chego ao Santuário e olho para a Azinheira, ao lado da Capelinha, acho graça. Já aí vemos a dimensão simbólica da criação: é uma árvore que aponta para uma dimensão ecológica. A nova criação é isto... Quando precisamos que Deus nos recrie em cada momento, seja no encontro com a árvore seja com a água, eu fico a pensar como é que Deus quer e trabalha para a conversão do mundo, e Fátima dá-nos essa leitura”, conclui D. José Traquina.

O presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e da Mobilidade Humana identifica, ainda, a oração como uma marca de Fátima: “Há um aspeto muito importante na mensagem de Fátima que é a oração. Nossa Senhora foi pedagoga junto dos Pastorinhos: ensinou-lhes o valor da oração a Deus para salvar a Humanidade”; mas o que é “mais notável no meio de tudo isto é a maturidade da resposta dos Pastorinhos”, sublinha.

“Recebem o mandato de Nossa Senhora para rezarem e tomam esse encargo pelo bem da Humanidade. Não se trata de rezarem apenas pela salvação das almas

mas pelo bem de toda a Humanidade, pela paz”, esclarece.

“Esta maturidade dos Pastorinhos é inigualável. Há aqui uma noção de justiça [...] A oração é muito justa porque está ao serviço da paz, com muita fidelidade, e tem uma dimensão de esperança que é o Coração de Maria”, reflete.

“Este coração corresponde aos novos céus e novos mundos, isto é, se a pessoa seguir a Deus o seu coração modifica-se e a pessoa vai encontrar uma terra. A consideração pela vontade de Deus e a atenção ao meu semelhante faz com que os corações se convertam e a paz se desenvolva”.

“É uma descoberta que vem do Céu mas que é muito humana”, refere, catapultando esta consideração para o momento atual.

“A pandemia é uma oportunidade para a nossa conversão (no que toca aos refugiados e migrantes). Nós temos de nos colocar ao lado da situação, não termos medo de sermos próximos em situações que precisam de nós e da nossa ação”.

“Olho para isto (realidade dos refugiados) com preocupação e apreensão, pois sempre que há pessoas que não são bem acolhidas, migrações clandestinas, alvos fáceis de tráfico humano, de exploração ou de abuso, não podemos descansar. Sempre que a pessoa humana não é bem acolhida é um problema para o mundo e para a civilização, e a Igreja, porque está no mundo, não pode alhear-se desta questão”.

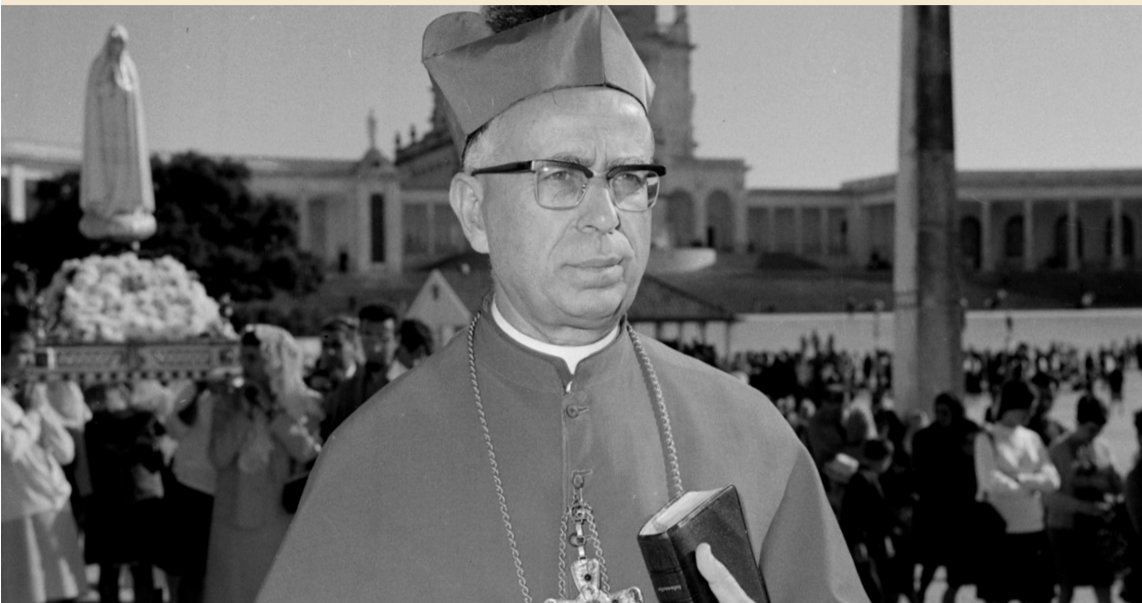
“Oitenta milhões de pessoas refugiadas deve envergonhar-nos a todos. Os líderes precisam de coragem para olhar com verdade para a Humanidade, porque a situação dos refugiados no mundo entristece a Humanidade”, frisa.

“Não se trata da paz ou da guerra mas de pessoas que não são tratadas com dignidade, com a dignidade a que a condição humana nos obrigaria, e que a bondade, que nada tem a ver com a religião, deveria determinar”.

#fatimanoseculoXXI, com D. José Traquina, pode ser ouvido em www.fatima.pt/podcast.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

D. João Pereira Venâncio (1904-1985)



“Esta diocese, queridos diocesanos, não é minha, não é nossa! É de Nossa Senhora! Não veio Ela tomá-la para Si na hora da sua restauração?” As palavras são de D. João Pereira Venâncio, no dia da sua entrada como bispo de Leiria. Foi a 8 de dezembro de 1958, um dia da Imaculada Conceição especialmente escolhido pelo prelado devoto de Nossa Senhora, que definiu “Ecce Mater tua” (Eis aí a tua Mãe) como legenda para o seu brasão episcopal. No mês em que se assinalam 45 anos da sua morte, lembramos os principais momentos da ação deste protagonista na internacionalização do Santuário e na projeção da mensagem de Fátima pelo mundo.

Diogo Carvalho Alves | Fontes: Arquivo noticioso (12 de outubro de 2010, Pe. Luciano Cristino) e Voz da Fátima

Desde os tempos de seminarista e de estudante de filosofia e de teologia, na Universidade Gregoriana (1917-1930), de sacerdote (1929-1954), de bispo auxiliar e residencial de Leiria (1954-1972), até ao seu falecimento, D. João Pereira Venâncio dedicou-se intensamente à difusão da mensagem que Nossa Senhora deixou na Cova da Iria, nas inúmeras viagens que fez pelo mundo com essa mesma missão.

Nascido a 7 de fevereiro de 1904, em Monte Redondo, foram muitos os momentos em que D.

João Pereira Venâncio viveu intensamente Fátima, desde logo, ainda antes de ser bispo da diocese, como promotor das Causas de Beatificação de Francisco e Jacinta Marto.

Foi ele que, em 1957, entregou na Nunciatura, para ser levado para Roma, o célebre sobrescrito com a terceira parte do segredo que Nossa Senhora deixou aos aos pastorinhos e que a Irmã Lúcia escrevera. Um ano antes, a 13 de maio, ainda como bispo auxiliar de D. José Alves Correia da Silva, recebia, na Cova da Iria,

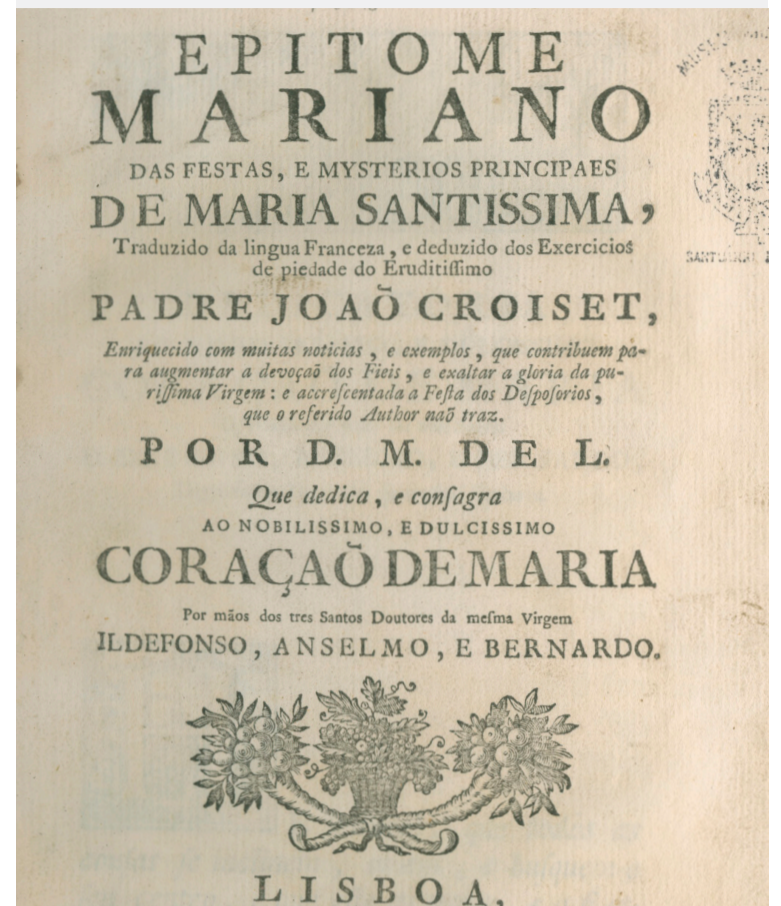
o Cardeal Roncalli, que viria a ser Papa João XXIII.

Já como bispo de Leiria, instituiu no Santuário de Fátima, em 1960, a Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento (Lausperene).

No cinquentenário das Aparições, foi por diversas vezes a Roma para que o Papa estivesse na Cova da Iria, no dia da sua comemoração, presença que ele próprio teve a honra de acolher como bispo de Leiria, em 1967.

Faleceu há 45 anos, a 2 de agosto de 1985, tendo sido sepultado no cemitério de Monte Redondo.

A PEÇA DO MÊS



CROISSET, João – Epitome Mariano das festas, e mysterios principaes de Maria Santissima [...]. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1760.

Epitome Mariano

Epitome Mariano, do jesuíta francês Jean de Croiset, foi dado à estampa em 1760, nas oficinas de Francisco Luiz Ameno, em Lisboa, numa versão traduzida e ampliada por autor anónimo, que a assina sob o pseudónimo feminino D. M. de L. e que a dedica ao Coração de Maria, de quem se declara «fiel escrava e afilhada obediente». A obra é composta por reflexões acerca das festas marianas do calendário litúrgico, que o tradutor complementa com um capítulo dedicado à «Festa dos Desposórios da Santissima Virgem».

A Biblioteca do Santuário de Fátima possui um exemplar da obra, que se apresenta em razoável estado de conservação, conservando encadernação original em couro.

Serviço de Arquivo e Biblioteca
Departamento de Estudos

FÁTIMA AO PORMENOR

Dia 19: a data da aparição de agosto

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Os relatos relativos ao dia 13 de agosto não deixam dúvidas acerca da multidão que ocorreu à Cova da Iria e se viu defraudada pelo facto de as crianças videntes haverem sido levadas para Ourém, a fim de serem interrogadas sobre os acontecimentos extraordinários que afirmaram experimentar desde maio desse ano de 1917.

Pela documentação que decorre dos episódios de agosto, sabe o historiador que a aparição desse mês decorreu no dia 19, isto é, no «domingo a seguir ao dia 13» (assim se lê, entre outros, no interrogatório de Manuel Marques Ferreira, de 21 de agosto, e nos interrogatórios de Manuel Nunes Formigão, de 27 de setembro e de 2 de novembro de 1917). Neste ano, há ainda um interrogatório que coloca a aparição no dia 18 (interrogatório de

António dos Santos Alves, feito em meados de setembro).

A vidente Lúcia, sempre explicitando de que a sua informação enferma de, à época das aparições, não saber contar os dias, chegou a apontar, em 1922 e em 1924, a data de 16 de agosto. Mais tarde, quando redige as suas “Memórias”, apontará ainda o dia 15 de agosto, uma vez mais afirmando a sua falta de capacidade para contar dos dias. Em 1946, em resposta ao interrogatório de Joseph Georges Goulven, Lúcia assume que a aparição ocorreu em 19 de agosto, data tomada pelo Santuário de Fátima para celebrar, de forma específica, a aparição de agosto, não obstante a Peregrinação Internacional Aniversária desse mês, por razões de calendarização pastoral, se realizar a 12 e 13.





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

O meu sobrinho não deveria ter mais do que oito anos. Os pais disseram-lhe que talvez fosse melhor depositar no banco o dinheiro que os familiares e amigos lhe tinham oferecido na sua Primeira Comunhão. Assim não se perdia e sempre talvez rendesse alguns juros. O miúdo ficou pensativo, como quem pesa a sensatez daquela proposta intrigante, e devolveu a intriga aos pais: «Mas o banco precisa do meu dinheiro? É que eu estive ali a ler numa revista que há pessoas que precisam de ajuda noutros países e preferia dar-lhes o dinheiro a elas».

A economia da partilha

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

Nos últimos meses, os nossos lares transformaram-se em padarias domésticas, a expor os dotes que não sabíamos ter para a velha arte de amassar o pão de cada dia. Infelizmente, nem esta produção massificada de alimento serviu para esconder a fome que uma pandemia veio uma vez mais pôr a nu. Três meses de paragem forçada, que chegamos a desejar com uma certa inocência que fossem oportunidade para pensar a beleza de um mundo diferente, são afinal a tragédia do mundo virado do avesso que continua a pensar as pessoas como números de planos macroeconómicos. É um drama que o mundo se tenha transformado numa máquina de fazer pobres e ricos a cada passo. Talvez a prática

recentemente generalizada de amassar pão nos ensine a arte de amassar um novo estilo de vida que reconheça no lucro e no progresso moinhos de vento que o tempo trata de revelar como miragens. Quando o pão do evangelho fermentar e a multiplicação acontecer, a vida será saciada e sobrarão sete cestos.

A Igreja também amassou o pão durante estes meses, no recanto de tantas casas, na certeza de que o confinamento era o gesto de amor que fazia o outro viver. O povo de Deus viveu a espera, comprometido com a comunidade. A distância foi compromisso e não negligência. E, mesmo se houve desejo de que tudo voltasse ao que era antes, o povo de Deus sabia e sabe que “antes” é uma categoria a

que a dinâmica da vida e o compromisso evangélico não permitem regressar. Abrir as portas das igrejas não significou, por isso, um regresso à rotina, um limpar o pó acumulado para reencontrar as velhas marcas do altar, do lecionário e dos bancos deixados à sua sorte durante semanas. Abrir as portas das igrejas tem de significar abrir a vida do povo de Deus a um mundo que precisa urgentemente de um jeito de ser que não *crache* a cada momento por causa de um vírus ou de uma conjuntura económica, arrastando consigo milhões de pessoas para o lugar onde viver é já apenas sobrevivência.

Há utopia nesta certeza? Com certeza. Mas para que serve a igreja se não para mostrar ao mundo que não está condena-

do a viver assim porque lhe foi dada a mão que o liberta deste desespero mascarado de sucesso e de progresso? Para que serve a igreja se não para dizer que há um tesouro na fragilidade partilhada? Fátima sabe bem que a comunhão verdadeira, a que conta, a que nos define, se diz com as poucas pedras frágeis e banais de uma capela pequena demais para a multidão dos que têm sede de partilha. Aquilo que importa partilhar e que sacia a vida diz-se com a boca de três crianças da Fátima de 1917 que não sabem muito de Deus e do mundo, mas que estão disponíveis para dar a vida pelo que sofre. O evangelho diz-se com a intriga do meu sobrinho que resiste a uma economia autocentrada, porque o *viver juntos* é partilha.



OPINIÃO

Laurinda Alves

Num tempo de grandes desafios importam ainda mais as pequenas coisas. Os gestos simples, o que dizemos e fazemos, mas acima de tudo a maneira como o fazemos e como o dizemos. O ‘como’ é, e será sempre, uma grande questão ao longo da nossa vida. Os ‘porquês’ ficam muitas vezes sem resposta e os ‘para quê’ nem sempre são claros ou inteligíveis. Muitas vezes precisamos de tempo para conseguir ler os acontecimentos da vida, para os podermos processar e integrar.

Os ‘para quê’ quase nunca são imediatos, mas se os alcançamos ajudam a fazer caminho por serem oportunidades de crescimento e superação. Dão pistas e perspectiva, mudam o rumo e dão novos sentidos, mas podem ser extraordinariamente difíceis de encaixar e, por vezes, chegam a ser erosivos. Para quê uma doença, uma morte, uma perda, uma crise, uma rutura, um afastamento, um desgosto, um colapso, um desmoronamento? Os ‘para

Só aquilo que sai de nós

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

quê’ são difíceis e exigem tempo, muito tempo. E *fê*. Uma *fê* que não tem que ser religiosa, note-se. Pode ser uma crença, uma confiança no amor, na amizade ou na transcendência.

Já o ‘como’ é mais repentista e obriga a elevar a fasquia da exigência quotidiana. Está ao nosso alcance tentar perceber como agir e reagir, como comunicar, como acolher, como proteger, como cultivar, como proceder e por aí adiante. Está nas nossas mãos refletir nos ‘como’ da vida: como educar, como ajudar a crescer, como escutar, como resgatar, como encher de confiança, como devolver a esperança. E é neste ‘como’ que os pequenos gestos fazem uma grande diferença.

Recordo muitas frases que ouço a padres e pessoas de vida consagrada que me inspiram e orientam a minha vida espiritual, e tenho muito presente as longas conversas que mantive com Alberto Brito, padre jesuíta, quando nos sentámos para escrever o livro que foi publicado com o título “Ouvir, Falar, Amar”. Foram tempos verdadeiramente iluminantes e aprendi muito com ele. Uma das coisas que o

Padre Alberto Brito diz com alguma frequência e toda a razão é que não devemos perder tempo com o que entra em nós, devemos focar-nos obsessivamente no que sai de nós.

“O que sai de nós é que faz toda a diferença. E tratar bem ou menos bem alguém que nos irrita tem impactos muito distintos.”

- “Não vale a pena perder tempo com o que entra em nós porque a toda a hora entram empatias e antipatias, adesões e aversões, pensamentos involuntários e julgamentos de toda a espécie. Tentar que algumas destas coisas entrem em nós é tempo perdido. Também não vale a pena desperdiçarmo-nos muito a tentar ordenar tudo o que nos habita, porque ao meio dia queremos uma coisa e ao meio dia e um quarto podemos querer o contrário. Os pensamentos, as inclinações, as tentações, as necessidades e as urgências, assim

como os impulsos e as pulsões são difíceis de manter ordenados e cada um no seu sítio. Tudo se mistura cá dentro. O que vale a pena é focarmos obsessivamente no que sai de nós. Isso sim!”

O que sai de nós é que faz toda a diferença. E tratar bem ou menos bem alguém que nos irrita tem impactos muito distintos. Se sinto antipatia ou até aversão, mas mesmo assim sou capaz de ser correto e eticamente irrepreensível, estou a tentar construir alguma coisa. Se, pelo contrário, sigo os meus instintos e devolvo o mal com mal, ou trato pior a pessoa de quem gosto menos (mas com quem até tenho que colaborar, porque é meu par na empresa ou até porque pertence à minha família ou círculo alargado de amigos), então estou a destruir.

“Num tempo em que estamos todos convocados a dar o nosso melhor tornou-se imperativo refletir sobre os nossos ‘como’.”

Posso não destruir completamente a pessoa, mas destruo a possibilidade de entendimento e cooperação com ela. E mato a confiança porque facilmente lhe coloco um rótulo ou desisto dela.

Num tempo em que estamos todos convocados a dar o nosso melhor tornou-se imperativo refletir sobre os nossos ‘como’. Como estou a ser capaz de conversar em casa, como estou em matéria de aceitação dos outros, como estou a amar os meus e como posso fazer para acolher, e até ajudar, os que não são meus? Como estou a ouvir os que trabalham comigo ou dependem de mim, como vou fazer para chegar aos que estão a afundar, como ando a agir e a reagir?

Cada um sabe de si e dos seus desafios, mas penso que todos nos revemos nesta interpelação do ‘como’. Temos mais capacidades do que julgamos e o nosso impacto nos outros nunca é inócuo. Daí a necessidade de perceber a importância dos pequenos gestos e a radicalidade de ficarmos cada vez mais atentos àquilo que sai de nós.

“O Santuário é um dom que Deus nos concede”, diz D. Vitorino Soares, bispo auxiliar do Porto

ENTREVISTA

A oração e a conversão são etapas de um caminho que nos conduz a Deus e nos ensina que nunca estamos sós, diz em entrevista à Voz da Fátima D. Vitorino Soares, 66 anos, natural do Porto, bispo auxiliar há um ano. Como presbítero da diocese do Porto, D. Vitorino Soares trabalhou no Seminário do Bom Pastor, entre 1984 e 1987, e no Seminário Maior, entre 1989 e 1994. Capelão militar de 1987 a 1989, dedicou 10 anos do seu trabalho pastoral aos jovens, tendo sido diretor do Secretariado Diocesano da Juventude entre 1989 e 1999.

Carmo Rodeia

É a primeira peregrinação que o Senhor fez a Fátima como bispo. Disse-o por duas vezes. Qual é a sua primeira memória de Fátima?

A minha história vem da família. Vim pela primeira vez com 6 ou 7 anos. Demorávamos quase um dia para aqui chegar; a primeira memória é a da família. A imagem que tenho de Fátima foi entrar num mundo que era o mundo de Deus. Este não era um mundo humano. Era como entrar num espaço de culto não fechado, mas onde Deus imperava.

Isso deixou marcas na vocação?

A vocação é assinalada por pequenas marcas que vão constituindo um *puzzle* que se vai juntando e construindo e que acaba por se tornar numa realidade que continua a ser ainda um sonho que se vai alimentando e que chega a um dado momento e se transforma em realidade. Fátima é, por isso, uma pequena marca deste encontro com o transcendente e com Deus e

sempre mediada pela família, particularmente a minha mãe.

Nas suas homilias evocou a pandemia, várias vezes, e referiu também a importância de podermos celebrar presencialmente. Se, por um lado, isso foi sentido por muitas pessoas, quando tudo fazia antever um regresso em pleno, surge o medo e, de facto, continuamos a ter igrejas vazias. O pedido de Nossa Senhora por mais oração faz ainda mais sentido?

Sim faz, claro. É curioso porque esta pandemia veio pôr a nu o que há muito vínhamos intuindo: uma perda do sentido de comunidade que nos exige, agora, novas formas de pastoral. É um desafio para uma renovação pastoral que parta da escuta do espírito de Deus, mas, talvez, uma descoberta mais partilhada que terá de ser feita pelos cristãos na sua diversidade. Quem sabe possamos despertar para uma Igreja mais sinodal.

Como é que no meio de tantas tribulações, na tal Igreja sinodal, podemos explicar onde está Deus e levá-lo aos mais próximos?

Essa é a dificuldade desde sempre. O que não podemos é correr o risco de as dificuldades nos encerrarem em nós mesmos. Deus sofre quando cada um de nós sofre e, neste caso, da situação em que vivemos, Deus está envolvido. Nós não estamos abandonados na saúde e na doença; Deus continua conosco. Isto é a mensagem de Fátima. Diante do pecado e do mal há que ter esperança, porque o amor de Deus é mais forte do que tudo isso. É isto que temos de saber dizer. É isto a mensagem de Fátima. Nós não sabemos como, mas para quem tem fé confiamos que tudo vai sair bem.

Na terceira aparição isso fica claro: o amor é mais forte que tudo...

É a mensagem de sempre: Nossa Senhora disse-o a três crianças; nós, como pessoas de fé,

acreditamos e o nosso mandato é partirmos para a estrada a anunciar isso mesmo.

É aí que reside a atualidade da mensagem de Fátima?

O bem vence sempre o mal, não por nosso mérito, mas porque Deus nos ama e está sempre conosco... Naturalmente que nós temos de colaborar. Será que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para esse bem?

Os pastorinhos fizeram-no...

São sempre os mais pequenos, a quem não damos tanta importância, os primeiros a descobrirem isso. Os Pastorinhos conseguiram ver Nossa Senhora e a Deus... confiaram e com esperança ofereceram-se a Deus.

Diante de algo que é tão simples e tão belo porque é que nós temos tanta dificuldade em seguir os mandamentos de Deus?

Bem, eu não conheço o que vai dentro do coração de cada um. Mas,

tenho a percepção de que o Homem se convenceu de que era dono de si e dos outros e ao querer colocar-se no lugar de Deus anula-O. Sempre que o Homem se tenta colocar no lugar de Deus, o amor é difícil.

Esta crise pode ser uma alavanca para nos recentrar no essencial?

Sim, sem dúvida. Há aqui sinais de Deus. Acho que é um abanão, uma provocação no bom sentido. E acabamos por despertar; afinal, dependemos muito mais uns dos outros e somos muito mais iguais.

Qual é o papel de Fátima e do Santuário nessa missão?

O Santuário é um dom que Deus nos concede e, por isso, devem ser criadas as condições para que cada um consiga encontrar aqui o caminho que o conduza até Deus. Por isso, o papel de Fátima é a missão: ser o rosto de uma Igreja missionária aberta a todos e na qual todos sejam tocados e sintam o apelo à permanente conversão.

“A mensagem de Fátima recorda-nos o desafio que a história e a Humanidade tanto esquecem: precisamos uns dos outros”, afirmou D. Vitorino Soares

Presidente da Peregrinação Internacional Aniversária de julho fala do triunfo do Bem, prometido nas Aparições de 1917.

Carmo Rodeia

O bispo auxiliar do Porto, D. Vitorino Soares, afirmou no dia 13 de manhã que a pandemia recordou à humanidade que todos precisam de todos, destacando a mensagem de triunfo do Bem deixada na Cova da Iria, em 1917, por Nossa Senhora aos três Pastorinhos.

“Ainda debaixo da nuvem da pandemia que nos escondeu, e que ainda nos continua a esconder, e nos trouxe incerteza e preocupação, a mensagem de Fátima recorda-nos o desafio que a História e a humanidade tanto esquecem: precisamos uns dos outros”.

Na homilia da Missa Internacional a que presidiu no altar do Recinto de Oração, D. Vitorino Soares destacou os pedidos de Nossa Senhora de Fátima na terceira



aparição, em julho de 1917.

“Queremos sacrificar-nos uns pelos outros? Queremos ser oferta e oferta, uns pelos outros? Não se trata de sacrifícios de vítimas ou de bodes expiatórios, mas de irmãos que, por amor, se oferecem uns aos outros nos gestos pequenos do dia a dia”, explicou.

O bispo auxiliar do Porto sublinhou, ainda, a promessa da vitória definitiva do “coração da Paz, do Bem, da Bondade” deixada em Fátima.

“Hoje também o quereis dizer a cada um de nós: ‘O meu Imaculado Coração triunfará, o meu Imaculado Coração triunfará!’. No

meio desta pandemia; no meio das nossas incertezas; no meio dos nossos sofrimentos; no meio das nossas dificuldades laborais e económicas; no meio das nossas inseguranças e medos, Tu, Senhora de Fátima, continuas a dizer-nos: ‘O meu Imaculado Coração triunfará’”.

“Todos precisamos de Ti, Mãe, Senhora de Fátima, porque todos somos e queremos ser teus filhos, ouvindo os teus apelos e dando resposta aos teus convites”, concluiu sublinhando que “hoje aqui, neste Santuário, Maria, nossa Mãe, também nos quer ajudar a sermos discípulos de Jesus, a escutá-lo; a encontrarmos com Ele; A segui-lo. A pôr em prática a sua mensagem”.

O bispo auxiliar do Porto, que

já tinha presidido à celebração da vigília na noite do dia 12, evocou também nessa altura as questões e sofrimentos gerados pela atual pandemia.

Durante as celebrações, os participantes rezaram pelas vítimas da pandemia, “para que a graça e a misericórdia de Deus sejam a sua esperança e o seu conforto” e, também, “pelos pessoas dependentes de cuidados e pelos seus cuidadores”.

Esta foi a segunda peregrinação do ano a ser celebrada com o Recinto aberto à participação de peregrinos, depois do período de confinamento imposto pela pandemia, seguindo um formato mais breve, que suspendeu a Missa da Vigília e a própria Vigília durante a madrugada.

O primado de Deus

Pe. Manuel Antunes

Para ao longo do ano irmos meditando nesta Peregrinação do Coração, num momento tão especial e complexo, também ele pleno de Graças, comecemos por meditar tendo como tema a 1ª Aparição do Anjo aos Pastores na Loca do Cabeço:

1.ª dezena do terço

Os Pastorinhos, naquele dia de março de 1916, juntaram os rebanhos das duas famílias e foram para o monte dos Valinhos de Aljustrel. Enquanto as ovelhas iam pastando, recolheram-se num lugar chamado Loca do Cabeço para rezar o terço como as suas mães lhes tinham recomendado. Talvez um terço abreviado para terem mais tempo para brincar. De repente, são surpreendidos pela presença dum Anjo envolto numa grande luz, apresentando a idade de 15-16 anos. O Anjo, notando que estavam com medo, disse-lhes: não temais! Sou o Anjo da Paz! Rezai comigo. Ajoelhando e inclinando-se profundamente, rezou esta oração:

“Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não

Vos amam”.

Esta oração é breve em palavras mas rica de mensagem; uma mensagem para o mundo atual e para o mundo futuro. O Anjo ensina-nos a rezar com o coração e não apenas com palavras. Uma oração bem-feita é um diálogo íntimo com Deus.

2.ª dezena do terço

Nesta oração, o Anjo proclama a existência e o primado de Deus. Há quem negue esta existência ou se comporte como se ela não existisse. Com o avanço da técnica e as descobertas científicas, muitos homens e mulheres consideram-se senhores do mundo esquecendo que antes das suas descobertas já lá estava Deus com os talentos necessários a essa descoberta. Hoje há professores que nas suas aulas, ao falarem do progresso da ciência, dizem aos alunos que dizer que Deus existe foi fruto duma invenção de alguém. Recordo um médico que fora crente até aos dezoito anos, mas a certa altura perdeu a fé. No exercício da sua profissão, deparou-se com o caso de um doente a quem confessou a sua incapacidade para o resolver. Diante do doente, confessou a

sua perda de fé e disse: Só Deus lhe pode valer! Agora confesso que Deus existe e pode fazer o que eu não posso. A fé é um dos dons mais preciosos que Deus nos dá.

3.ª dezena do terço

Sejamos fortes na fé. Milhares de cristãos, sacerdotes, religiosos e leigos, foram martirizados por acreditarem em Deus. Hoje há cristãos e até praticantes, em determinados lugares ou encontros que, para parecerem bem ou com medo de perder amigos, se comportam como descrentes.

4.ª dezena do terço

Dá a Deus o primeiro lugar na tua vida. Ao ler o evangelista S. João, encontramos: Quem diz que ama a Deus e não cumpre os Seus mandamentos, é mentiroso (Jo 2,4).

Jesus, na Sua vida apostólica, disse que tinha vindo ao mundo para completar o que estava dito no Antigo Testamento e não para o anular. Referia-Se particularmente aos mandamentos dados por Deus ao Seu povo através de Moisés. Quem cumpre os dez mandamentos está no bom caminho e tem

o Céu como recompensa para sempre.

5.ª dezena do terço

Devemos dar a Deus o primeiro lugar na família. O Anjo, ao falar do primado de Deus, refere-se às pessoas, famílias e nações. Disse o Papa Pio XII: Família que reza unida, permanece unida. O Anjo, nesta pequena oração – Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos, peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam –, fala sempre em nome de Deus, presente nas pessoas, famílias e nações.

Ao refletir no mundo em que estamos, verificamos que a maior parte das pessoas adora-se mais a si mesma e ao mundo. Onde não está Deus, não pode haver paz, união, perdão ou amor sincero. Deus é a rocha onde assenta toda a nossa vida. Eis a razão por que o Cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, disse: “O alicerce da mensagem de Fátima está nas aparições do Anjo”. Esta epidemia veio alertar as pessoas para o erro de terem abandonado a Deus e de se terem prostrado diante dos ídolos como o dinheiro, o prazer, o poder e a técnica.

AGRADECIMENTO

Amigos mensageiros de Nossa Senhora de Fátima

Venho agradecer-vos tudo quanto tendes feito por meu bem: orações, pedidos de informações... Obrigado por tudo!

Rezarei por vós.

Vamos continuar a dar do nosso melhor ao Movimento da Mensagem de Fátima, que tem como núcleo central o Coração Imaculado de Maria, e pede aos seus mensageiros oração e oferta da cruz da vida, por um mundo esquecido de Deus.

Obrigado por tudo e continuemos unidos em oração.

Pe. Manuel Antunes

O sublime da humanidade

Pe. Dário Pedrosa

A Senhora que veio do Céu e apareceu aos Pastorinhos é a Senhora que foi elevada ao Céu em corpo e alma e Aquela Mãe dolorosa que esteve junto à Cruz de Jesus. A sua mensagem é de graça, de vida, de misericórdia; é sempre contínuo apelo, para nós e para o mundo, à conversão para trilharmos o caminho da santidade e do amor. Este é o sentido deste artigo: tendo como base as duas grandes celebrações marianas, queremos acolher no coração e viver em festa: a Assunção de Nossa Senhora e a Senhora das Dores, a primeira celebrada a 15 de agosto e a última a 15 de setembro. Nas duas celebrações é Maria, a Senhora e Mãe, a Virgem fiel, a Senhora do Sim, que está diante dos nossos olhos e no nosso coração. Um fio condutor invisível une as duas festas, pois é a mesma Senhora que nos é apresentada como Mãe das Dores, Mãe do Crucificado, de pé junto à Cruz de seu Filho, e a Senhora da Assunção, entrando na glória, elevada ao Céu em corpo e alma.

É Maria, a criatura em que o próprio Deus Se revê, graças ao

dom da sua isenção de pecado original, toda bela, santa e pura, toda mergulhada no amor trinitário, toda em plenitude de santidade, a Senhora que vive a comunhão mais perfeita com a Trindade, pois é a Filha diletta de Deus Pai, a Mãe de Deus Filho e a Esposa de Deus Espírito. N’Ela, em Maria de Nazaré, está a humanidade toda junto à Cruz onde nos aceitou como Mãe, e n’Ela, a Senhora do triunfo jubiloso, está o futuro da humanidade que partilhará a glória, a bem-aventurança, a graça da ressurreição de Jesus, que Maria já vive em plenitude.

A Senhora assume em amor e com amor a Paixão de Jesus e participa na glória da sua ressurreição. Mergulha na dor e na cruz para depois poder viver em triunfo o gozo, o júbilo, a transformação em mulher dignamente glorificada, elevada em corpo e alma: da cruz à glória, da dor ao júbilo, da paixão ao triunfo. E este caminho que Maria percorreu deve ser o nosso, tem de ser o nosso: participarmos com fé e confiança, com audácia e encanto, com tenacidade e fortaleza na

paixão de Jesus para, com Ele e com Maria, tomarmos parte na glória da ressurreição. Caminhamos para essa glória, vivendo já em germen: “Somos o céu a caminho do céu”. Mas esse caminho, sempre difícil, porque é estreito e participa da cruz, é o caminho de cada um de nós como foi o de Jesus e de Maria, até chegarmos ao divino triunfo, às glórias eternas, à festa que nunca mais terá fim: mergulharmos em Jesus os nossos trabalhos e canseiras, as nossas dores e tristezas, as nossas alegrias e gozos, a nossa oração e a nossa vida, mergulharmos em Jesus, como Maria, a nossa cruz, o nosso martírio quotidiano, tudo o que sofremos e vivemos, trabalhamos e rezamos. Ele nos assumirá e nos transportará à glória como fez com Maria, nos purificará e libertará do nosso pecado e fragilidades, nos mergulhará em seu sangue redentor, que lava e purifica, e nos preparará, com o seu infinito amor, com o fogo divino do seu Coração, para nos fazer participar na eternidade, com a Senhora da Assunção, da sua vida plena, do seu gozo eterno, da sua

glória de Ressuscitado. Como é maravilhoso o plano de Deus revelado em Maria e continuado em nós! Como é algo de sublime para a nossa humanidade tão frágil e pecadora, mas que Ele ama infinitamente! Se sofrermos com Ele com Ele ressuscitaremos e entraremos na glória.

E enquanto batizados somos mediadores, somos pontífices, devemos fazer tudo para que todos, ou pelo menos o maior número possível, trilhe este caminho sublime que conduz a humanidade à glória. Saibamos acolher com as mãos e com o coração as dores, os sofrimentos, as angústias da humanidade, saibamos acolher seus anseios, as suas alegrias, os seus desejos, para os oferecermos a Jesus pelas mãos e pelo Coração da Mãe. Sejamos intercessores, sejamos mediadores com Cristo, no caminho glorioso desta sublime humanidade, cuja carne Ele mesmo participou e viveu. Colaboremos, com audácia e entusiasmo, com fé e esperança, com o coração repleto de amor, no triunfo glorioso da humanidade. Maria já está glorificada com seu Filho.

Nós um dia, com Eles, seremos glorificados. Jesus já venceu o Maligno. Maria já calçou a cabeça da serpente. Nós, com Eles, seremos vencedores da batalha e entraremos no gozo eterno, quando Jesus for tudo em todos. Foi esta Senhora que nos disse em Fátima, pelo grande amor que nos tem e pelo amor que tem a seu Filho, “não ofendam mais a nosso Senhor que já está muito ofendido”, e nos convidou a colaborarmos na salvação quando nos disse: “Vão muitos para o Inferno porque não há quem reze e se sacrifique por eles”.

Grandiosa deve ser a humanidade, apesar das suas fraquezas e pecados, para Jesus querer tomar a nossa carne e Maria ser a pessoa humana que mais mergulhou o divino e foi arrebatada ao Céu em corpo e alma! Rejubilemos, cantemos o triunfo da Mãe, associemo-nos às suas dores de Mãe desolada e Deus, com o seu amor infinito, rasgará os céus para nos acolher em gozo eterno! O futuro sublime da humanidade já está traçado, já é vivido pela “cheia de graça”!

Mensagem de Fátima e o Sofrimento Humano

Tavares Vieira | Presidente do Secretariado Diocesano do MMF da Guarda

É indiscutível e sobejamente conhecida a alegria com que os três Pastores de Fátima, Francisco, Jacinta e Lúcia, acolheram as três aparições do Anjo em 1916 e, depois, as aparições de Nossa Senhora, de maio a outubro de 1917. Para a Lúcia crescem ainda as aparições de Pontevedra, em 1925, e em Tuy, em 1929.

O Anjo nas suas aparições vai pedindo oração e sacrifício mas Nossa Senhora pede tudo: quereis oferecer-vos a Deus? E os Pastores responderam: sim queremos! A esta resposta diz a Lúcia, Nossa Senhora abriu as mãos pela primeira vez e comunicou-nos um reflexo de luz tão intenso que saía dessas mãos que penetrando no peito e no mais íntimo da alma nos fazia ver a nós mesmos em Deus que era essa luz. A luz vinda de Nossa Senhora era de Cristo. Os Pastores fazem a experiência de Deus e a partir daquele dia mudam totalmente porque a fé deles já não é baseada na fé dos pais, nem nas palavras da mãe, é baseada na sua própria experiência de Deus.

Depois da resposta sim queremos, Nossa Senhora disse então: ides pois ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto. Nossa Senhora referia-se aos sacrifícios e sofrimentos que iriam ter, mas a última palavra é sempre de esperança: a graça de Deus será o vosso conforto. Podemos ter muito que sofrer e sofreremos, faz parte do mistério da vida, mas a graça de Deus é a nossa força.

Desde o início das aparições do Anjo, continuando com as de Nossa Senhora, os Pastores sofreram quer fisicamente, pelos sacrifícios que a si mesmos impunham e faziam diariamente, quer pelo sofrimento psicológico, com a visão do Inferno, com o sequestro para a prisão de Ourém, com a rejeição das aparições, por parte da mãe da Lúcia, quer com tantos interrogatórios que lhes faziam tentando pôr em causa as aparições de Nossa Senhora.

Mas tudo sofriam por “amor a Nosso Senhor e pela conversão dos pecadores”.

Fátima, desde o princípio, apela à centralidade de Deus; e é muito interessante a experiência do Francisco quando lhe perguntam o que ele mais gostou de ver e ele, com apenas 9 anos, tinha já a hierarquia das verdades muito bem organizada:

- gostei muito de ver o Anjo;
- gostei ainda mais de ver Nossa Senhora, mas o que
- gostei mais foi de Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus, mas Ele está tão triste. Se eu o pudesse consolar.

Então o que devo aprender com o Francisco? Separar o essencial do secundário. Às vezes temos muito sofrimento na nossa vida pessoal e na nossa família, porque gastamos mais tempo com o que é secundário do que com o que é essencial. Aprendamos com S. Francisco Marto esta virtude.

Peregrinação do coração

Secretariado Nacional do MMF



Devido à situação de pandemia, neste ano de 2020, foi cancelada a Peregrinação Nacional ao Santuário de Fátima. Esta peregrinação é o encontro anual desta grande família mensageira de Nossa Senhora.

Apesar desta situação inesperada, o Movimento da Mensagem de Fátima organizou uma peregrinação com o coração e, para este efeito, o Secretariado Nacional preparou uma novena coordenada pelo assistente nacional, Padre Manuel Antunes, com início a 9 de julho e que foi transmitida pela TV Canção Nova.

Para rematar esta Peregrinação, no sábado dia 18 de julho, os mensageiros estiveram unidos através da TV Canção Nova, em direto no terço da Capelinha, onde marcou presença um pequeno grupo de crianças da paróquia de Fátima, que rezaram o terço e nos fizeram recordar os Pastores, os primeiros mensageiros. Após o terço, aos pés de Nossa Senhora, os mensageiros renovaram o seu compromisso apos-

tólico, fizeram a sua consagração e entregaram o presente que continha o número de terços rezados, as vivências dos primeiros sábados e as adorações eucarísticas realizadas ao longo do ano pelas dioceses.

No domingo, os mensageiros estiveram unidos ao Santuário de Fátima pela TV Canção Nova, para acompanharem a Eucaristia, presidida pelo assistente geral do Movimento da Mensagem de Fátima, Cardeal D. António Marto, que referiu a presença do Movimento que ali se encontrava representada pelas bandeiras de várias dioceses. Desta celebração recordamos esta oração:

“Escuta, Senhor, a minha oração, ouve a súplica da minha voz, dirijo-me a Ti que te revelas Pai bom, cheio de amor e ternura, vem... vem nesta Eucaristia perdoar-nos e dar-nos a Tua paz, mostra a todos os Homens a Tua misericórdia. Sim, um dia todas as nações virão prostrar-se diante de Ti, quando tiverem visto as maravilhas da graça que só Tu

és capaz de realizar com a força do Espírito Santo que vem em auxílio da nossa fraqueza e que Nossa Senhora de Fátima, que Tu nos enviaste aqui para trazer uma mensagem de esperança, nos ajude a confiar na Tua ação, em nós e à nossa volta e nos ajude a crescer na paciência, na compaixão e na misericórdia para com todos os irmãos. Amen” (Cardeal D. António Marto, 19 de julho de 2020, Recinto de Oração do Santuário de Fátima).

O Secretariado Nacional do MMF, em nome de todos os mensageiros, quer agradecer, de forma especial, ao Santuário de Fátima e à Comunidade Canção Nova toda a colaboração e ajuda que tornaram possível a realização desta peregrinação diferente do habitual.

Esta peregrinação do coração foi um tempo de enriquecimento espiritual para o Movimento e para todos os mensageiros que assim tiveram a oportunidade de renovar o seu compromisso para a sua missão apostólica.

Mensagem de Fátima: convite à oração, apelo à conversão e à penitência

Ilda Vieira | Responsável Setor da Oração - Secretariado Diocesano do Porto MMF

É numa época de crise, de pobreza, de guerra e de morte que Nossa Senhora aparece em Fátima, no dia 13 de maio de 1917, a três crianças analfabetas que guardavam os rebanhos da família. Nossa Senhora escolheu estas três crianças e confiou nelas. E a verdade é que através delas esta mensagem de amor e de paz passou para o mundo e transformou a História do século XX e a história pessoal de cada um. As aparições continuaram até ao dia 13 de outubro do mesmo ano. Fátima é um foco de luz para uma Humanidade conturbada e em profundas trevas.

Recordando a primeira aparição de Nossa Senhora, Lúcia conta o seguinte:

“... abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente do que nos vemos no melhor dos espelhos”.

Este testemunho de Lúcia mostra-nos que Nossa Senhora vem

da parte de Deus e que através dela nos vemos a nós mesmos em Deus. Isto é, reconhecemos que somos à sua imagem e semelhança e que só podemos ser felizes quando estamos em plena sintonia com Ele, quando temos consciência de que Ele habita em nós e de que somos o seu sacrário vivo. Deus é luz e amor e quer que cada um de nós seja luz e amor.

A Mãe do Céu quer estar presente na nossa vida como mãe que aconselha, que guia e orienta. Ela orienta-nos para Deus, que é a nossa Fonte de Luz e Amor, o nosso Criador. A nossa vida tem sentido. Viemos de Deus e um dia voltaremos para Deus.

O nosso grande problema é que nos esquecemos de que somos filhos de Deus; não estamos conscientes de que Ele habita em nós e de que somos o seu sacrário vivo. Se somos filhos de Deus, somos todos irmãos. O esquecimento de Deus e dos irmãos traz problemas graves. E um deles é o isolamento que conduz ao egoísmo: penso só em mim, naquilo que me apetece e esqueço-me das necessidades e fragilidades dos irmãos. Se me

descuido e não faço oração diariamente nem trato os meus irmãos com amor, torno-me um espelho sujo, onde apenas se vê o egoísmo com todas as suas expressões de mal: inveja, violência, guerra, ódio, mentira, hipocrisia, etc.

O pedido de nossa Senhora à oração e à penitência recorda-nos de que Deus se preocupa conosco e nos pede uma mudança de vida. Em cada dia é-nos pedido um processo de conversão permanente. A oração ajuda-nos a encontrar um novo sentido para a vida, a vivermos de forma diferente e a sermos mais felizes, fazendo felizes os irmãos.

Atravessamos tempos difíceis; o nosso dia a dia está repleto de desafios, preocupações e ansiedade. Todos os dias tomamos conhecimento de mais contaminações por COVID-19, guerras entre as pessoas, corrupção, violência, terrorismo, desemprego, fome, mortes violentas. Os imprevistos são constantes e obrigam-nos a pensar e a refazermos a nossa vida à luz dos critérios de Deus, de acordo com as leis divinas. É aqui que entra a grandeza da ora-

ção. Esta religa a pessoa a Deus, sossega o seu coração e cura as feridas abertas nos combates diários. O que mais desassossega a pessoa são as suas emoções e os seus sentimentos. E é aqui que é preciso trabalhar. Quando estou em oração fico em paz e o Senhor vai trabalhando o meu coração e sossegando as minhas emoções ao ponto de me dar a maturidade de olhar para mim e para o outro com o próprio olhar de Deus: um olhar de amor e de misericórdia.

Quando uma pessoa não se encontra a si mesma e não reconhece a luz e o amor de Deus que nela habita, não se ama e também não sabe amar os outros. O pecado é sempre uma falta de amor, quer seja para com o próprio, para com os outros ou para com a natureza. O pecador é aquele que não se ama a si próprio, não sabe amar os irmãos e não ama a natureza. Quem não se ama vive numa escuridão profunda. Quem não se ama não assume para consigo mesmo, nem para com o seu semelhante, atos de bondade e de misericórdia.

Nossa Senhora diz-me que, através da oração, restabeleço

a comunhão com o Senhor que habita em mim e torno-me um espelho limpo que reflete Deus na minha vida. A Mãe do Céu é a portadora da luz e a Senhora do Coração Imaculado. O Coração Imaculado é um coração cheio de Deus. Maria é cheia da graça de Deus. Aquela em quem o Senhor está. Nossa Senhora é a Nossa Mãe, ama-nos e cuida de nós. Oferece-nos o seu Imaculado Coração como refúgio e caminho para Deus. Contemplar o seu Coração Imaculado é olhar o Filho com quem ela se identifica. O Coração Imaculado de Maria é o espelho limpo que reflete Deus. Consagrar-se ao seu Imaculado Coração é encher de Cristo os nossos olhos e viver ao jeito de Jesus: o mesmo amor, a mesma humildade, a mesma serenidade, a mesma paciência, a mesma compaixão, a mesma forma de pensar, agir e atuar. A nossa vida transforma-se num dom maior porque vivemos ao ritmo do amor e da compaixão.

A transformação pessoal é uma graça que nos é concedida através da oração persistente e ordenada.

Conferência sobre a Irmã Lúcia esclarece aparente paradoxo de uma vida marcada pela profecia e pelo desejo de silêncio como experiência íntima de Deus

Vice-postuladora da Causa de Canonização da Irmã Lúcia destaca a profecia em que se transformou a vida da vidente de Fátima recolhida no Carmelo de Coimbra.

Carmo Rodeia

A vice-postuladora da Causa de Canonização da irmã Lúcia, irmã Ângela Coelho, proferiu no passado dia 26 de julho uma conferência intitulada “Lúcia de Jesus, uma vida plena de Luz”, na qual abordou o “aparente paradoxo” que ao longo da sua vida a mais velha dos videntes de Fátima desenvolveu: saber-se profeta da mensagem que o Céu lhe entregava e sentir crescer dentro de si a vocação para a vida contemplativa no Carmelo.

“Não lidamos, no caso da Irmã Lúcia, com a mesma simplicidade de figura que encontramos em Francisco, o Adorador e Consolador de Jesus, ou em Jacinta, a santa mais pequenina da história da Igreja, aquela que viveu a sua vida como um dom, oferecendo-se para reparar o mal do mundo”, começou por advertir a religiosa da Aliança de Santa Maria, natural do Porto, médica e ex postuladora da Causa da Canonização dos Santos Francisco e Jacinta Marto, que falava no III Encontro na Basílica, neste ano pastoral.

A partir da figura do profeta Ezequiel, a conferencista aprofundou o carisma de Lúcia, explicitando a sua missão e apresentando os desafios para os cristãos de hoje, sem nunca perder de vista as próprias palavras da carmelita, “escritas por obediência”, mas também “o seu testemunho de vida”. E a primeira nota foi a de que a vida dos três pastorinhos, sobretudo a de Lúcia, mais longa e por isso muito mais profunda, aponta para o “profetismo do tempo da Igreja”.

“A sua atividade profética desenvolver-se-á ao longo de toda a sua vida, que abrangeu os momentos mais dramáticos e decisivos do século XX, dos quais foi testemunha” - a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, o Concílio Vaticano II, a Guerra Fria e a queda do muro de Berlim - afirma a religiosa da Aliança de Santa Maria, sublinhando que a mensagem que Lúcia transmite “não é de menor importância para o tempo atual que vivemos”.

“A nossa época, marcada pela pandemia e pelos limites impostos por este minúsculo vírus, assiste à queda de paradigmas de



III Encontro da Basílica reflete sobre a vida e a missão de Lúcia. Depois da conferência houve um momento musical por António Mota, no órgão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

convivência social, da vivência e celebração da fé, de modelos económicos que sustentaram a nossa civilização até ao momento”, adianta.

Desta dimensão profética de Lúcia, para além da denúncia sobejas também uma dimensão consoladora, refere, por outro lado, a irmã Ângela Coelho, ao sublinhar a importância da devoção ao Coração Imaculado de Maria, como uma das marcas do seu carisma.

“Após anunciar o que lhe tinha sido dado a ver na aparição de julho, denunciando o pecado e as suas consequências (inferno, as guerras, perseguições à Igreja – estrutura tripartida do segredo), Lúcia aponta a consolação e a salvação de Deus expressa no triunfo do Coração Imaculado de Maria” e, por isso, a sua palavra “é sempre uma palavra de esperança”, na medida em que é “neste

coração imaculado que são gerados os filhos da nova aliança”.

“Lúcia entra de `corpo e alma` nesta proclamação e faz do anúncio deste `coração novo` como `refúgio e caminho até Deus` a certeza da sua vida” afirma destacando que é também esta certeza que a mensagem de Fátima oferece a toda a humanidade.

Por outro lado, adianta a oradora, há em Lúcia um desejo de recolhimento e de contemplação.

“Porquê a sua atração pelo Carmelo, o lugar do silêncio e da clausura, quando a sua missão era anunciar a devoção ao Coração Imaculado de Maria?” interroga a irmã Ângela Coelho para, de imediato, aduzir uma resposta.

“Não tenhamos dúvidas, esta consciência de que é profeta configurará a sua forma de ser: perseverante, fiel, ousada e corajosa. Nada a detém quando se trata de anunciar o que o Imacu-

lado Coração de Maria lhe tinha dito”, adianta.

“Mesmo que seja só por carta, a sua voz será ouvida até aos confins da terra, passando pelo Vaticano e por todos os que a ela se confiam”, esclarece ainda ao sublinhar uma outra dimensão: Lúcia “fez do silêncio uma das palavras mais eloquentes do seu ministério profético”, assumindo-se “um instrumento do qual Deus se quer servir”.

“É a profecia da vida escondida que cumpre a sua missão; o agir da Lúcia é um fazer feito de fidelidade à sua vocação de carmelita”, esclarece concluindo.

A presidente da Fundação Francisco e Jacinta Marto lembrou ainda “outro traço luminoso” que sobressai da vida de Lúcia e que “é a oferta da sua vida, pela Igreja”, pela qual “tem a sua alma de profeta ferida” quando “toma consciência de que há divisões”

no seu seio. Aliás, é bem conhecida a insistência de Lúcia clamando pela união dos bispos, pela conversão da Rússia e pela consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, a que só o Papa São João Paulo II haveria de dar resposta.

“No início da sua vida, Lúcia foi tocada pelo mistério de Deus de uma forma única e intensa. Durante a sua vida, ela teve de aprender a suportar o peso do mistério, a guardar no seu coração, na sua inteligência, na sua alma, a verdade do que «lhe fora dado ver na luz de Deus, onde está contido o passado, o presente e o futuro», conclui a irmã Ângela, ao sublinhar que a vidente de Fátima “foi chamada a viver esta vocação de profeta num quotidiano marcado pelo ritmo de vida de uma Carmelita Descalça, pelas relações que estabeleceu com tantas pessoas, pelos sofrimentos inerentes a alguém que era tão frequentemente incompreendida e caluniada no seu trabalho solitário, assim como pela dor humana que invadia a sua cela e que ela servia com as suas lágrimas, o seu sacrifício, o seu silêncio, o seu trabalho e a sua oração”.

“Que luz maravilhosa irradia para o mundo, a partir da vida desta mulher!” concluiu a religiosa ao lembrar que Lúcia, a pequena pastora de Aljustrel, “em 13 de junho de 1917, foi convidada pela Senhora mais brilhante que o Sol, a assumir a missão que o Senhor lhe confiava.

O processo de canonização da Irmã Lúcia encontra-se em Roma para apreciação da Congregação para as Causas dos Santos. Depois das aparições Lúcia parte de Fátima a 16 de junho de 1921 rumo ao Porto e ingressa no Instituto de Santa Doroteia. Mais tarde, a 25 de março de 1948, entra no Carmelo de Coimbra, a onde residirá até ao fim da vida.

Estão agendados ainda mais dois encontros: a 6 de setembro, com o tema “Fátima: histórias de santidade”, por Marco Daniel Duarte e recital de Pedro Gomes, e a 8 de novembro, Joaquim Teixeira falará sobre “Fátima, escola de santidade”, seguindo-se um recital do coro Ad Libitum.

FÁTIMA e os PAPAS



Papas distinguem Santuário com a oferta da Rosa de Ouro

Paulo VI inaugurou uma distinção a este Santuário que iria ser seguida por Bento XVI, em 2010 e por Francisco em 2017. A oferta da Rosa de Ouro é sinal do reconhecimento da fidelidade à Igreja de Cristo e ao seu Vigário.

Carmo Rodeia

O Santuário de Fátima possui no seu Museu três Rosas de Ouro, a mais alta distinção que os Papas atribuem a personalidades da vida pública, entre soberanos, príncipes e rainhas, ou a santuários, igrejas ou cidades, em reconhecimento e recompensa por assinalados serviços prestados à Igreja ou a bem da sociedade.



Rosa oferecida pelo Papa Paulo VI

De tradição que remonta aos finais do século VI, princípios do século VII, a bênção e atribuição das Rosas de Ouro decorre, habitualmente, no Domingo da Alegria, no final da Quaresma. A princípio a Rosa de Ouro era constituída por uma única flor. Com o Papa Sisto IV, tomou a forma que manteve durante séculos: um ramo de roseira, completamente em ouro, com alguma folhagem, a que, às vezes se acrescentavam algumas pedras preciosas.

A primeira Rosa de Ouro entregue ao Santuário de Fátima foi concedida pelo Papa Paulo VI, a 21 de novembro de 1964, no final da terceira sessão do Concílio Vaticano II, depois de pro-

mulgada a Constituição sobre a Igreja e benzida pelo Sumo Pontífice a 28 de março de 1965, na Capela Matilde, no Palácio Apostólico, no Vaticano.

Na cerimónia de bênção, o Papa Paulo VI recordou a simbologia das Rosas de Ouro, que, no seu “significado místico, representam a alegria da dupla Jerusalém - Igreja Triunfante e Igreja Militante - e a belíssima Flor de Jericó - a Virgem Imaculada - que é também a vossa Padroeira e é a alegria e a coroa de todos os Santos”.

“Julgamos oportuno lembrar, hoje em particular, a consagração solene do nosso predecessor Pio XII ao Coração Imaculado de Maria. Com este fim, decidimos mandar proximamente, por uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima”.

“[A Rosa de Ouro] é o testemunho do Nosso paternal afeto que mantemos pela nobre Nação Portuguesa; é penhor da Nossa devoção que temos ao insigne Santuário, onde foi levantado à Mãe de Deus um Seu altar”, sublinhou na altura Paulo VI.

O Papa acrescentou que a rosa é o símbolo da penitência, recordando a mensagem de Nossa Senhora aos Pastorinhos, nas Aparições de maio a outubro de 1917: “Vindo a Virgem a Fátima para recordar ao mundo a mensagem evangélica da penitência e da oração, então por ele tão esquecida, deveis ser vós, amados filhos, a dar o exemplo no cumprimento desta mensagem”.

A Rosa esteve exposta na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, até ser trazida para Portugal, a 13 de maio de 1965 pelo cardeal Fernando Cento, legado do Papa. Com ela veio uma carta dirigida ao bispo D. João Pereira Venâncio.

A 12 maio de 2010, o papa Bento XVI entregou a segunda Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, tendo sido a primeira vez que



Rosa oferecida pelo Papa Bento XVI

um Papa teve este gesto, pessoalmente, em território português.

Ajoelhado junto à imagem da Virgem Maria, na Capelinha das Aparições, o agora Papa emérito disse que a atribuição da segunda Rosa de Ouro é “uma homenagem de gratidão” pelas “maravilhas que o Onnipotente tem realizado por Vós no coração de tantos que peregrinam”.

“Estou certo de que os Pastorinhos de Fátima, os Beatos Francisco e Jacinta e a Serva de Deus Lúcia de Jesus nos acompanham nesta hora de prece e de júbilo”, acrescentou.

Em 2017, por ocasião do Centenário. A entrega foi feita no início da sua peregrinação à Cova da Iria, momentos antes de uma oração que fez congregar, em silêncio, a multidão presente no Recinto. Foi como símbolo da “união na oração com todos os peregrinos” que o Santo Padre se referiu a esta distinção, um dia antes da sua chegada.

“Preciso de vos ter comigo. Preciso da vossa união - física ou espiritual, importante é que seja do coração -, para o meu

bouquet de flores, a minha Rosa de Ouro, formando um só coração e uma só alma. Entregar-vos-ei todos a Nossa Senhora, pedindo-lhe para segredar a cada um: O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio, o caminho que te conduzirá até Deus”, disse o Papa Francisco, num vídeo onde antecipava a visita ao Santuário de Fátima.

O Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga, também recebeu, a 8 de dezembro de 2004, uma Rosa de Ouro, atribuída pelo São João Paulo II, por ocasião do centenário da coroação da imagem de Nossa Senhora e que foi entregue pelo cardeal Eugénio Sales, legado do Papa.

Outras rosas foram oferecidas a soberanos portugueses ou a outras individualidades e personagens importantes: D. Afonso V, em 1454, por Nicolau V; D. Manuel I em 1506; D. João III, em 1525 pelo Papa Clemente; D. Catarina e D. João, filhos de D. João III, em 1550 pelo Papa Júlio III; D. Maria II em 1842 e D. Amélia em 1892.



Rosa oferecida pelo Papa Francisco

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



A recente transformação da Basílica de Santa Sofia, em Istambul, Turquia, numa Mesquita, oferece a este espaço da Voz da Fátima motivo para lançar o olhar para o passado, para aprendermos com a história.

A Basílica de Santa Sofia – não uma santa com esse nome, mas o próprio Deus: Hagia Sophia, em grego, significa Sagrada Sabedoria – foi edificada pelos cristãos do Oriente no séc. VI, como sede do Patriarcado Ortodoxo de Constantinopla, capital do Império Bizantino. No séc. XIII, os católicos da Quarta Cruzada massacraram os cristãos ortodoxos desta cidade, que haviam anos antes massacrado muitos dos católicos nela residentes; por quase seis décadas, Santa Sofia foi uma catedral católica, na capital do efémero Império Latino. Nova invasão pelo de Bizâncio devolve o edifício a sede do Patriarcado Ortodoxo de Constantinopla. Em 1453, o Império Otomano, muçulmano, derruba o Bizantino e torna o edifício numa Mesquita. Foi-o até 1935, quando o regime secularista de Ataturk, numa decisão contra a religião, fez de Santa Sofia um museu, em cujas paredes se lia a história destes encontros e desencontros religiosos de raiz política que atravessaram os séculos. Em julho de 2020, a Basílica de Santa Sofia volta a ser uma Mesquita, que esconde todos os elementos estéticos cristãos originários do seu interior, quando os muçulmanos aí se reúnem para rezar.

A guerra e a perseguição religiosa são a constante de uma história sem credos inocentes. Sensibilizados pela centralidade da paz e da liberdade religiosa na Mensagem de Fátima, temos que conhecer a história... e comprometer-nos, pelo menos, rezando.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Curso de Verão de 2021 será sobre Santa Jacinta Marto

Edição deste ano decorreu no início de julho e o balanço é “francamente positivo”, segundo Marco Daniel Duarte.

Cátia Filipe



A 5.ª edição dos Cursos de Verão, este ano subordinada ao tema Fátima e a Arte: o Santuário, a Iconografia, a Cidade e a Museologia, ministrado por Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos e do Museu do Santuário de Fátima terminou com um balanço “francamente positivo”. O curso teve lugar no anfiteatro do Centro Pastoral de Paulo VI, entre 8 a 10 de julho, para que pudessem ser cumpridas as normas de segurança e de distanciamento social.

Marco Daniel Duarte, em declarações à Sala de Imprensa do Santuário de Fátima, mostrou-se satisfeito pela “apetência visível sobre este tema”.

“As inscrições superaram aquilo que estava previsto ainda mais em tempo de pandemia”, explicou, destacando a atenção e a mobilização do auditório no que respeita aos assuntos abordados, mas também no cumprimento das normas de segurança estabelecidas, “muito responsáveis nessa parte”, segundo as suas próprias palavras.

“Nas diversas temáticas que o curso aborda, tínhamos noção de que, ao diferenciar as várias áreas, íamos captar a atenção de pessoas com interesses muito diversificados e tivemos essa constatação” porque há formandos das mais diversificadas áreas científicas, mas também com interesses muito centrados na iconografia, na arquitetura e na museologia, e que afirmaram que “o Santuário de Fátima tem trabalhado esta temática de uma forma muito coerente e que a partir daí a mensagem tem chegado a diferentes tipos de públicos; por exemplo, na audiência esteve um museólogo de Espanha que veio participar no curso precisamente por esta

temática”.

Marco Daniel Duarte disse ainda: “as expectativas das pessoas não saíram defraudadas pois houve a sugestão de fazer com que este curso se transforme em algo maior e mais aprofundado e isso é para nós um desafio perceber de que forma o Santuário de Fátima pode responder”.

À semelhança do que tem acontecido nas edições anteriores “também este curso irá trazer frutos, uma vez que há no auditório especialistas de diferentes áreas”.

O Departamento de Estudos do Santuário de Fátima tem promovido, com periodicidade anual, os Cursos de Verão a pensar nos investigadores que pretendam estudar o fenómeno de Fátima. A edição de 2020 trabalhou o tema da arte em Fátima, procurando analisar as construções físicas que, através das diferentes estéticas, materializam o Santuário de Fátima e, ainda, toda a iconografia que em Fátima e de Fátima nasce e se difunde por todo o mundo. A inserção e ligação do Santuário de Fátima à malha urbana de uma cidade que nasce a partir de 1917 e, bem assim, as formas que a Museologia encontrou para abordar a temática de Fátima são especial objeto de análise a que se juntam os objetos religiosos típicos do lugar e que reclamam dos investigadores análise atenta e descomprometida em ordem à sua apreciação enquanto artefactos culturais.

O responsável referiu que houve participantes que se inscreveram pelo “gosto” por estas temáticas, mas também “investigadores e profissionais que lidam diariamente com o património, como é o caso de um grupo de guias-interpretres”.

“A partir do que aqui referimos

os estudos sobre Fátima ficarão certamente mais valorizados”, concluiu.

A 6.ª Edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima será sobre Santa Jacinta Marto, disse Marco Daniel Duarte.

O Departamento de Estudos do Santuário de Fátima tem levado a cabo os Cursos de Verão a pensar nos investigadores que pretendam estudar o fenómeno de Fátima.

“Ao apresentarmos como tema deste curso ‘Fátima e a Arte’, rapidamente nos apercebemos de que havia um significativo interesse pela temática”, salientou o vice-reitor, padre Vítor Coutinho, na sessão de abertura, na qual assinalou ainda a perspectiva do Santuário neste tipo de oferta: “ao propô-las temos consciência de que estamos, deste modo, também a realizar a missão deste Santuário, na medida em que, através da leitura e da compreensão do património artístico, conhecemos melhor a identidade do lugar que nos acolhe como peregrinos e as mensagens a ele associadas”.

Ao longo de três dias, os formandos foram convidados a refletir sobre a “A arquitetura como arte primeira: da construção à sacralização de uma capela”, “Fátima, lugar de novidade artística”, “A construção artística do Santuário de Fátima”, “Lugares artísticos fora do Santuário de Fátima: conventos, mosteiros e casas religiosas (arte privada, arte pública e urbanismo)”, “Fátima e os objetos religiosos”, e “O Museu do Santuário de Fátima”.

A dimensão formativa constitui uma das centrais preocupações do Santuário de Fátima, assumindo lugar relevante nas propostas que apresenta aos seus peregrinos.

AGENDA

agosto

14 sex	Missa da Vigília da ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA VIGÍLIA DA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA
15 sáb	SOLENIIDADE DA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA (No Rosário meditam-se os Mistérios Gloriosos)
17 seg	S. BEATRIZ DA SILVA (Memória Obrigatória)
19 qua	ANIVERSÁRIO DA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA NOS VALINHOS

setembro

2 qua	VISITA TEMÁTICA Exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima 21h15 Convívium de Santo Agostinho
5 sáb	MISSA VOTIVA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA
6 dom	DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM ENCONTROS NA BASÍLICA IV “Fátima: histórias de santidade” Marco Daniel Duarte Música: Organista Pedro Gomes 15h30 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
8 ter	FESTA DA NATIVIDADE DA VIRGEM SANTA MARIA
12 sáb	VI PEREGRINAÇÃO NACIONAL DA COMUNIDADE SURDA